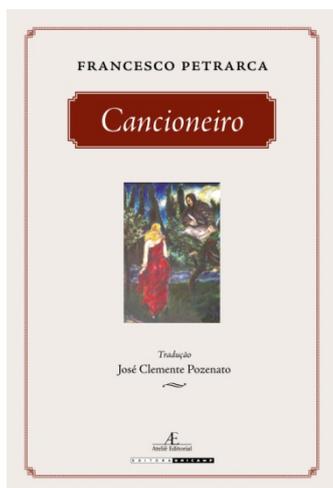


"CANCIONEIRO" DE PETRARCA TERÁ LANÇAMENTO NO ATELIÊ DO ILUSTRADOR

Francesco Petrarca



Edição bilíngue

Tradução

José Clemente Pozenato

Ilustração

Enio Squeff

ISBN 978-85-7480-679-2

18 x 26,7 cm, 536 pp.

R\$ 160,00

www.atelie.com.br

blog.atelie.com.br

Twitter: @atelieeditorial

LANÇAMENTO

30 de maio de 2015, sábado, 16h30.

Ateliê ENIO SQUEFF

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 419

(acesso pela Rua Artur Azevedo)

Tel. (11) 3088-3632

A **Ateliê Editorial** e a **Editora da Unicamp** publicam *Cancioneiro*, um patrimônio da poesia universal, em edição bilíngue, traduzida por *José Clemente Pozenato*, e com mais de 700 ilustrações de *Enio Squeff*, que reconstroem uma visão do ambiente da poesia de Francesco Petrarca.

O *Cancioneiro* teve antes o nome de *Rerum vulgarium fragmenta*, em manuscrito do punho do autor, localizado em 1886, no códice Vaticano latino. A primeira edição impressa é de 1470. Nos trinta anos seguintes houve uma dezena de edições da obra, com diferentes títulos, prova de sua grande difusão na Europa. O título *Canzonere* teria sido atribuído pela primeira vez em 1516. Em 1642 sai com o título *Le Rime*, edição de Ubal dini, com base no manuscrito original. O título *Canzonere* tornou-se comum nas edições posteriores ao final do século XIX. É como "Cancioneiro", em português, que a obra de Petrarca comparece na edição bilíngue, da Unicamp e da Ateliê Editorial que será lançada dia 30 de maio, às 16:30 horas, no estúdio de Enio Squeff - Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 419 (Pinheiros).

Para um mundo que começava a querer se expressar na língua comum, no lugar do latim, o *Cancioneiro* de Petrarca servia de modelo e inspiração, não apenas como forma literária, mas também como concepção. São 366 poemas, sendo 317 sonetos, 29 canções, 9 sextinas, 7 baladas e 4 madrigais. O tema central é o amor, em vida e depois da morte de Laura, a mulher amada. Mas há também poemas que nos situam no cotidiano do poeta, como o da velhinha, de manhã bem cedo, rodando seu tear.

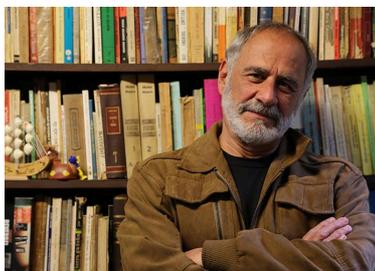
O poeta, ensaísta e ficcionista gaúcho José Clemente Pozenato dedicou cinco anos de trabalho a essa tradução, Inicialmente. Pozenato, procurou embeber-se do estilo petrarquiano, em seguida buscou, dentro do possível, encontrar uma espécie de *coloquialidade*, que fosse capaz de preservar a musicalidade do idioma original, com isso, conseguiu achados coloquiais extraordinários, sem precisar apelar para "acrobacias" linguísticas, ou para outros recursos discutíveis, como fórmulas arcaicas.

"Não temos a pretensão de analisar, detalhadamente, o conjunto da tradução de Pozenato. Queremos, apenas, valorizá-la, lembrar aos leitores brasileiros que não é sempre que nos é dado topar com um tradutor de tão elevado gabarito. Com a tradução de Pozenato, os brasileiros poderão ler o *Cancioneiro* de Petrarca, com novos olhos, e sobretudo com novos ouvidos." (Armando Trevisan).

O mesmo pode ser dito sobre os mais de setecentos desenhos feitos, "alla prima" sobre os próprios originais, pelo artista plástico Enio Squeff. Ao realizar, por vezes, até três "aguadas" (pincel e nanquim), diretamente, sobre as páginas em provas, o artista pretendeu imprimir um toque de improvisado, consentâneo com o caráter de muitos poemas compostos por Petrarca.

No dia do lançamento - ler depoimento de Enio Squeff, abaixo - todo o comprador do livro, terá uma cópia da página, devidamente assinada pelo artista.

Francesco Petrarca nasceu a 20 de julho de 1304, em Arezzo, na Toscana, filho de Petracco di Parenzo e Eletta Canigiani, o poeta adotou o sobrenome Petrarca, forma derivada do prenome do pai, quando tinha cerca de trinta anos. Petrarca viveu uma época de transição: foi o último intelectual da Idade Média e o primeiro a anunciar a Idade Moderna. Encontrou suporte na literatura latina, mergulhou de corpo e alma em Cícero, Virgílio e Cipião. Via nos escritos dos antigos romanos uma fonte de inspiração para renovar a civilização da Europa, transformada e deformada, segundo ele, ao longo dos séculos. Sua presença na cultura europeia se dá, também, pela influência generalizada que tiveram seus poemas. Petrarca morreu em 19 de julho de 1374.



ILUSTRANDO PETRARCA

Depoimento de Enio Squeff

<http://squeff.com/livros/ilustrando-petrarca/>

LANÇAMENTO

30 de maio de 2015, sábado, 16h30.

Ateliê ENIO SQUEFF

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 419

(acesso pela Rua Artur Azevedo)

Tel. (11) 3088-3632



Não foi por qualquer coisa como o *Guinness* que resolvi testar minha capacidade de improvisar, de Francisco quando pedi ao editor Plínio Martins Filho para desenhar sobre os originais da tradução do *Cancioneiro* Petrarca. Este trabalho, soube há pouco, resultou em mais de 700 ilustrações, feitas *alla prima*. Não sei (e realmente não interessa) se alguém fez tantas ilustrações para um único livro, diretamente sobre as provas da obra. Claro, havia o acordo tácito de que, se qualquer desenho não saísse a contento, eu o substituiria por uma ilustração à parte: fazer desenhos sobre as provas de uma publicação é, penso eu, algo mais ou menos inédito. Conclui, no entanto, não ter sido necessário apor qualquer “correção”. Digamos que, a meu critério, tudo saiu *comme il faut*.

A contento?

Nem tanto, talvez – poderão afirmar alguns; e serei, então, persuadido a reconsiderar meu juízo, assim como o editor que aceitou o que eu fiz, sem restrições. Na verdade, trabalhei durante uns dois meses: eu e meu pincel, com as cerdas devidamente amarfanhadas. Era a única maneira de fazer as ilustrações com um caráter de *impromptu*, como as definiu uma colega. Não é por imodéstia, portanto, que me arrisquei ao exame dos leitores críticos e aos críticos leitores. Petrarca, o grande, o excelso Petrarca, certamente não mereceria esse tipo de façanha, se fosse apenas isso – façanha. E não a arte de improvisar como uma homenagem à franqueza, e à espontaneidade que o seu gênio – de Petrarca – induz, a despeito do risco inerente ao desafio.

Mas acertamo-nos, o Plínio e eu, diante da possibilidade de certas obras de arte suscitarem outras. A de José Clemente Pozenato é a segunda, depois de Petrarca do original; ficamos, sem falsa modéstia, o editor e eu, com a terceira possibilidade, a da arte sobretudo musical, do improviso.

Enio Squeff nascido em Porto Alegre (RS), iniciou sua vida profissional, como jornalista nos principais veículos de comunicação do país. Escreveu "*Música: o nacional e o popular*" (1982), "*A música na Revolução Francesa*" (1989) e *Kislansky: o eterno e o moderno* (2006). Escreveu e ilustrou "*A origem dos nomes dos municípios paulistas*" (2004) e "*Vila Madalena: crônica histórica e sentimental*" (2002). Ilustrou diversos livros, entre eles "*Odisséia*", de Homero (Edusp), e "*Com palmas medida*", organizado por Flavio Aguiar (Boitempo/ Editora Fundação Perseu Abramo). Expôs individualmente em Cuba, Alemanha, Colômbia e Brasil.